

PASOLINI: O MONSTRO USERUM

PASOLINI: THE USERUM MONSTER

Davi Pessoa Carneiro Barbosa
Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)

Resumo: Ainda não se tem acesso a todos os 33 processos contra Pier Paolo Pasolini. Porém, graças aos esforços de Laura Betti, com o apoio da editora Garzanti, foi publicado o volume *Pasolini: cronaca giudiziaria, persecuzione, morte*, em 1977, e que traz informações, fragmentos das acusações, das defesas, textos publicados em jornais e revistas. Os processos dizem sobre uma série de violências cometidas pela magistratura italiana contra o cineasta e filósofo.

Palavras-chave: Pasolini; monstro; processos

Abstract: We still do not have access to all 33 lawsuits against Pier Paolo Pasolini. However, thanks to the efforts of Laura Betti, with the support of the publisher Garzanti, the volume *Pasolini: cronaca giudiziaria, persecuzione, morte*, was published in 1977, bringing information, fragments of accusations, defenses, texts published in newspapers and magazines. Concerning the lawsuits, they refer to a series of violence committed by the Italian judiciary against the film director and philosopher.

Keywords: Pasolini; monster; lawsuits

Conseguiu acumular seis meses de vida e agora está sorvendo o encosto do minúsculo leito e fora de casa fazendo vinte graus abaixo de zero na sombra, hoje também faz um frio terrificante porque é o quadragésimo aniversário que as tropas hitlerianas ficaram congeladas a poucos quilômetros de Moscou e para Hitler e para suas tropas deve ter sido um suplício não facilmente descritível, nem mesmo pelo sumo Alighieri e até mesmo na Noruega quando tudo está imerso num frio mortal caem no precipício todos os indícios da criminalidade, os torturadores deixam de torturar, os assassinos de assassinar, os ladrões de roubar, os violentadores de violentar, o grande Deus envolve aos poucos todo o planeta com um gelo assustador, quando os pássaros transformados em pedras de gelo desabam, em suma, de manhã estou sempre felicíssimo e de noite estou nas mais tétricas e escrotas angústias e procurando combinar as alegrias matutinas com as angústias das noites me tornei poeta, o pôr-do-sol me fulmina, assim amo a terra norueguesa onde no verão parece que o sol nunca quer se pôr e também consigo me agarrar nas utopias geladíssimas, por sorte que ontem houve um lindíssimo eclipse lunar, no lugar da lua havia uma mancha

Luigi Di Ruscio, *Firmum* 1953-1999,

Furio Colombo: Eis o ponto, descreva, portanto, a “situação”. Você sabe muito bem que seus textos e sua linguagem têm um pouco o efeito do sol que atravessa o pó. É uma bela imagem, mas também se pode ver (ou entender) pouco:

Pasolini: Obrigado pela imagem do sol, mas minha pretensão é muito inferior. Pretendo que você olhe ao redor e se dê conta da tragédia. Qual é a tragédia? A tragédia é que não existem mais seres humanos, existem máquinas estranhas que batem umas nas outras. E nós, os intelectuais, tomamos o horário ferroviário do ano passado, ou de dez anos atrás, e depois dizemos: estranho, mas esses dois trens não passam por ali, e como é possível que tenham se chocado desse modo? Ou o maquinista enlouqueceu, ou é um criminoso isolado, ou há uma conspiração. Sobretudo, a conspiração nos faz delirar. Liberta-nos de todo o peso de confrontarmos a verdade sozinhos.

“Estamos todos em perigo”, entrevista publicada em “La Stampa”, 1975.

“Também o conhecemos por outro aspecto de sua personalidade: aspecto inequivocavelmente demonstrado pelos precedentes penais e que aporta uma contribuição para as finalidades deste inquérito. [Pasolini] é um psicopata do instinto, é um anômalo sexual, um homossexual no sentido mais absoluto da palavra. [Pasolini] é tão profundamente anômalo que apresenta em sua consciência sua anomalia até chegar ao ponto de se mostrar incapaz de avaliá-la como tal. E justamente as tentativas inadequadas de tornar compreensível tal comportamento, que ele assume, ditado por ‘razões literárias’ e ‘psicológicas’, que provoca a anormalidade de sua declaração. Citemos integralmente o que o réu afirmou sobre tal circunstância: “Não posso e não devo negar que as declarações feitas pelos jovens – (os quais ele havia beijado apaixonadamente na mesma circunstância e aos quais pediu para que o masturbassem) – respondem pelo menos em parte, exteriormente, a verdade. No mais, certas particularidades me escapam porque como era noite de festa e encontrando-me em companhia de amigos havia excedido um pouco na bebida: também deve ser imputado à euforia do vinho e da festa o fato de ter desejado viver essa experiência erótica de caráter e origem literária, acentuada pela leitura recente de um romance de argumento homossexual, do escritor Gide”. O psiquiatra segue com seu diagnóstico: “O que demonstra não somente que [Pasolini] é um homossexual exibicionista e voyeur (se fez masturbar e se masturbou na presença de três rapazes), mas, se tivéssemos que dar crédito às suas tentativas de justificação, teríamos que pensar que se trata também de uma personalidade fortemente insegura e extremamente sugestionável, a ponto de ser influenciado pelo determinismo de sua conduta, mesmo quando se trata de decidir no sentido de ações criminosas, da leitura de um ‘romance de argumento sexual’. E também, nesse ponto, se quiséssemos seguir as pistas

psicodinâmicas, poderíamos facilmente demonstrar como os seus ambientes prediletos, seus comportamentos – revividos plenamente através da leitura de “uma vida violenta” – a escolha de suas amizades, sua total manifestação de vida, sejam, na realidade, uma pura e simples tentativa de “compensação” de um sujeito de instintos profundamente tarados e com ações ordinárias radicais movidas por insegurança. Nossa análise, porém, não deve e não pode ultrapassar os limites impostos pela análise fenomenológica dos fatos, e, na avaliação psicopatológica deles, deve dar conta apenas daquilo que foi provado”¹.

Este é um fragmento do laudo médico escrito pelo professor da Universidade de Roma e psiquiatra Aldo Semerari, em 21 de junho de 1962, o qual foi distribuído aos jornais e revistas italianas pela *Stampa Internazionale Medica*, antes mesmo da abertura do processo de Latina contra Pasolini. Voltarei a este fato.

Michel Foucault, entre 1974 e 1975, ministra no Collège de France, os seminários que compõem o curso: *Os anormais. A arqueologia da anormalidade* apresentada por Foucault durante todo aquele período nos ajuda a compreender melhor a persistência ainda no século XX (e por que não também em nosso século?) de “normas” aplicadas por um sistema médico e judiciário que deixaram marcas profundas em nossos corpos. Lembremos que Foucault destacava que para fazer uma “arqueologia da anomalia” acerca do anormal do século XIX era necessário confrontar três figuras: o monstro, o incorrigível e o masturbador. Tais figuras se encontram separadas ou podemos entendê-las uma incisa em outra? Há na pesquisa arqueológica de Foucault uma mudança de paradigma na passagem dos séculos XVII, XVIII, XIX ao século XX, que quero destacar:

A mecânica do poder punitivo implica, portanto, duas coisas. A primeira é uma afirmação explícita de racionalidade. Outrora, todo crime era punível a partir do momento em que não se havia demonstrado a demência do sujeito. Era unicamente a partir do momento em que a questão da demência do sujeito podia ser sustentada que, de forma secundária, surgia a questão de saber se o crime era ou não razoável. Agora, a partir do momento em que só se punirá o crime no nível do interesse que o suscitou, a partir do momento em que o verdadeiro alvo da ação punitiva, em que o exercício do poder de punir terá como objeto a mecânica do interesse próprio do criminoso; em outras palavras, a partir do momento em que se punirá não mais o crime, mas o criminoso, vocês

¹ In: BETTI, Laura (a cura di), *Pasolini: cronaca giudiziaria, persecuzione, morte*. Milano: Garzanti, 1977, p. 126-127.

hã de convir que o postulado de racionalidade fica de certo modo fortalecido. (FOUCAULT, 2001: 143-144)²

Essa mudança, sem dúvida, provoca um embaraço, segundo Foucault, ou ainda, mostra os paradoxos da máquina judiciária, visto que se a razão do sujeito criminoso é condição de aplicação da lei, então, a lei não pode ser aplicada ao sujeito “fora da razão”, em demência. Porém, como a soberania do poder (ou poder soberano) não deixa nada passar em branco, portanto, ela terá que aplicar ao sujeito desvirtuado pelo *pathos* um suplício ilimitado, cuja prática é incorporada por inúmeras estruturas hierárquicas. No caso de Pasolini, pelos jornais, revistas, Igreja, Partido Comunista, família, escola, televisão etc.

Para que possamos compreender melhor e propor, aqui, brevemente, uma arqueologia da anormalidade desse sujeito acometido pela doença ‘gide anomalia est’, farei referência a alguns processos contra Pier Paolo (sua relação com a magistratura italiana se tornou, como ele mesmo diz numa entrevista, quase que diária), muitos dos quais, infelizmente, não temos acesso, porém graças aos esforços de Laura Betti, com o apoio da editora Garzanti, foi publicado o volume *Pasolini: cronaca giudiziaria, persecuzione, morte*, em 1977, e que traz informações, fragmentos das acusações, das defesas, textos publicados em jornais e revistas, sobre 33 desses processos.

O primeiro processo contra o anormal se deu em Casarsa, quando Pasolini vivia dentro de “seu útero linguístico”, como ele mesmo escreve, nos anos em que sua mãe Susanna lhe contava histórias e fábulas, ou como ele mesmo diz, “minha mãe era como Sócrates para mim”; ele absorveu tudo isso “de maneira quase patológica”, e tal patologia vem à tona quando a Legião Territorial dos “carabinieri” de Padova envia ao juiz de primeira instância o documento de instauração e averiguação de um escândalo. O escândalo foi confidenciado por um padre da comunidade de Ramuscello, que teve acesso às informações em confidência, ao delegado de polícia. Durante a festa de Santa Sabina, Pasolini, com mais três rapazes, vive uma experiência erótica de caráter e origem literária após a leitura de um romance homossexual de Gide, ou como publicou o jornal “Il Messaggero”, “exaltado pela recente leitura”. Os pais dos rapazes não abriram processo contra Pasolini, no entanto, como lemos no documento de

² FOUCAULT, Michel. *Os anormais*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 143-144.

acusação, o caso foi levado adiante “em consideração ao fato que *se tornou público*, provocando uma indignação geral, pois P. P. Pasolini ensina em escolas médias”. O juiz o condena por atos obscenos, porém, após 3 anos de apelações, o Tribunal de Pordenone absolverá Pasolini por insuficiência de provas, “visto que não ficou claro se o lugar onde estavam era realmente público” (BETTI, 1977: 42). Jornais reacionários, como “*Messaggero Veneto*”, “*Gazzettino*”, não suportaram sua absolvição e publicaram cotidianamente artigos que difamavam a imagem do professor e membro já notável do Partido Comunista, que o expulsa em 1949, bem como a escola em que lecionava, em Valvasone, o demite. A permanência em Casarsa se torna insuportável, então parte com sua mãe para Roma, em 1950.

Numa carta escrita ao membro do PCI Ferdinando Mautino (o Carlino), o qual publicou em “*L’Unità*” um texto que resumia claramente a posição do partido sobre o tema da homossexualidade, em síntese: “uma degeneração burguesa”. Pasolini lhe responde e diz que membros da Democracia Cristã estavam preparando há tempos sua ruína por puro “*odium theologicum*”, afirmando que não se assustava com a posição daqueles, mas se admirava, ao contrário:

Com a desumanidade de vocês; entenda bem que falar de desvio ideológico é uma imbecilidade. Mesmo sem vocês, sou e serei comunista, no sentido mais autêntico dessa palavra. [...] Até esta manhã eu sustentava o pensamento de ter sacrificado minha pessoa e minha carreira por fidelidade a um ideal; agora não tenho mais nada em que me apoiar. Outra pessoa em meu lugar se mataria; desgraçadamente devo viver por minha mãe. Desejo que vocês trabalhem com clareza e paixão; eu procurei fazê-lo. Por isso traí minha classe e aquela que vocês chamam de minha educação burguesa; agora os traídos se vingaram de modo muito cruel e assustador. E fico com a dor mortal de meu pai e de minha mãe. (BETTI, 1977: 45)³

Assim, o mostro, o incorrigível, o masturbador será cada vez mais perseguido pela racionalidade, mas terá em contrapartida, ao mesmo tempo, as intervenções de quem irá confrontar a máquina por dentro, com o intuito de desmascarar os rostos da dita racionalidade diante dos “*anormais reprimidos*”. Numa carta de Giuseppe Dosi escrita a Pasolini, quando este colaborava com a revista “*Vie Nuove*” (revista ligada ao partido Comunista Italiano, fundada, em 1946, por Luigi Longo), seu remetente diz ter

³ In: In: BETTI, Laura (a cura di), *Pasolini: cronaca giudiziaria...*, op. cit., p. 45.

sofrido punição por ter chamado um fascista de ditador, em Veneza. Pasolini lhe responde fazendo alusão ao livro *Gli occhiali d'oro*, de Giorgio Bassani, no qual o escritor estabelece uma equivalência de destinos entre um idoso gay e um jovem judeu na época do fascismo, ou seja, marginalidades diante das regras da sociedade, as quais não suportam a diversidade, e como consequência nasce um complexo psicológico. Escreve Pasolini:

O 'complexo psicológico' que lhe dizia é determinado, mas não determinante. Dele nascem muitas soluções possíveis. Pode nascer, por exemplo, o conformismo, por mais que isso possa parecer paradoxal. O anormal complexado, de fato, não querendo aceitar a anormalidade que o relega a uma minoria de 'diferentes' em relação à sociedade em que vive, e, aliás, sofrendo terrivelmente com ela, tenta inserir-se de modo prepotente na maioria, acolhendo e tomando para si todos os cânones, todas as regras, todas as instituições. E, como sempre ocorre, termina, como se diz, sendo 'mais realista que o rei'. Não há ninguém que seja mais fanático, mais duro, intransigente que um anormal que defende a norma. Além do mais, tal tipo de anormal é reprimido, ou seja, não quer aceitar e de forma alguma conhecer sua anormalidade. Silencia-a, remove-a, oculta-a sob um véu impenetrável. O fascismo e o nazismo estavam repletos desses 'anormais reprimidos': doentes, deformes, anões, impotentes, gays que não queriam aceitar sua inferioridade, tampouco a nomeavam, e, em compensação, passavam a defender com violência uma ideologia – viricida e prepotente – que era o conformismo por definição. (PASOLINI, 1977: 120-121)⁴

9

Portanto, muito mais que forças contraditórias que salvaguardam um estado de pureza benéfica ou maléfica, vemos que há aí um jogo que postula ambivalências, visto que os mecanismos de poder, ou as máquinas antropológicas, para dizer com Furio Jesi, não cessam de produzir mecanismos de auto-imunização, visto que sentem, por exemplo, um ódio incurável por aqueles acometidos de “gide anomalia est”. E contra tal anomalia a máquina está sempre “operante”.

Em 1955, a magistratura de Milão acolhe a solicitação da Presidência do Conselho dos Ministros, representada por Antonio Segni, para averiguação de “pornografia” em *Ragazzi di vita*, que havia sido publicado naquele mesmo ano e que foi objeto de uma longa batalha judicial. O livro foi excluído dos prestigiosos prêmios Strega e Viareggio (recolhido das livrarias), mas muito festejado pela comissão dirigida por Giuseppe de Robertis para receber o “Premio letterario Mario Colombi Guidotti”,

⁴ In: PASOLINI, Pier Paolo, *Le belle bandiere*. Roma: Editori Riuniti, 1977, p. 120-121.

em Parma. Trata-se do primeiro processo contra sua produção artística. O processo, no entanto, não foi apenas aberto contra Pasolini, mas também contra o editor Aldo Garzanti, ambos “imputados de publicação obscena”. Fato curioso: no caso do laudo médico, o psiquiatra jamais teve contato com Pasolini, neste caso, agora, os juízes da quarta seção do Tribunal de Milão tiveram que adiar três vezes a audiência por não terem lido o livro, e finalmente, em 4 de julho de 1956 (a primeira audiência estava marcada para o dia 18 de janeiro daquele ano), Livio (o pai de Aldo) e Pasolini respondem as perguntas dos juízes. Livio assume a total responsabilidade pela publicação e ressalta que o livro é uma verdadeira obra de arte, o qual já ganhou prêmio literário e será traduzido, em breve, na Alemanha, França e Estados Unidos. Pasolini, por sua vez, argumenta:

Não foi minha intenção escrever um romance no sentido clássico da palavra, quis somente escrever um livro. O livro é um testemunho da vida vivida por mim durante dois anos num bairro de Roma. Quis fazer um documentário. A fala em dialeto romanesco, presente no romance, foi uma exigência estilística. Quando antropomorfizo a cadela quis dizer que muitas vezes, infelizmente, os jovens levam suas vidas como animais. [...] Minha intenção era apresentar com perfeito veracidade uma das zonas mais desoladas de Roma. (BETTI, 1977: 65)⁵

10

A violência imposta pela magistratura, que o leva a julgamento sem ler o livro, e a violência da psiquiatria, que lhe coloca a camisa de força de todo um aparato ideológico, o analisa sem ter contato com o paciente e publica seu laudo médico, todas elas são acolhidas pela violência midiática. Numa entrevista feita pela revista “Gente” ao psiquiatra Aldo Semerari, em 1976, ou seja, após o assassinato de Pasolini, ele reforça a ideia de que “Pasolini poderia ter sido salvo”, e se Pasolini tivesse, ao contrário de ser absolvido, tido a oportunidade de ser submetido a um tratamento técnico teria se curado de sua “psicopatia do instinto”, isto é, de sua homossexualidade. É evidente que Semerari não leu Freud e muito menos a carta que Freud escreve, em 1935, a uma mãe preocupada por ter um filho homossexual, na qual lemos: “A homossexualidade não é certamente uma vantagem, mas não é algo da qual se deve sentir vergonha, não é um vício ou uma degradação, e não pode ser classificada como doença... Muitos indivíduos altamente respeitáveis do tempo

⁵ In: BETTI, Laura (a cura di), *Pasolini: cronaca giudiziaria...*, op. cit., p. 65.

moderno e antigo foram homossexuais, como Platão, Michelangelo, Leonardo da Vinci etc.”. A imprensa italiana, não suportando a absolvição de Pasolini, por faltas de provas que pudessem justificar a ação judicial contra o romance, dedicou os três anos sucessivos ao ataque diário contra Pasolini, no qual se dissemina a imagem de Pasolini homossexual, comunista até mesmo difamado por seus companheiros do PCI, pornográfico, transgressor, anormal, um homem entre aspas, chegando ao ponto de o acusarem de narcisista em busca de publicidade. Em relação a esta última imagem há um caso curioso: poucos anos após o julgamento de *Ragazzi di vita*, um jovem de 23 anos, Antonio Vece, professor de escola elementar, se apresenta num delegacia de Roma e denuncia Pasolini por tê-lo obrigado a entrar em sua Giulietta T1, violentado-o sexualmente, ameaçado-o e, ainda, por ter roubado um capítulo do romance que ele, Antonio Vece, estava naquele momento escrevendo: *I figli del peccato*. Dois dias depois, a vítima se apresenta novamente à delegacia e diz ter inventado tudo, e quando o delegado lhe pergunta por qual motivo: “Me veio em mente porque sei que é uma pessoa famosa. Fiz com o objetivo de voltar para mim, com o clamor da denúncia, uma publicidade para minhas aspirações de escritor” (BETTI, 1977: 133-134). Ou ainda, um jovem de 28 anos, romano, chamado Andrea Di Marco, certo de ter se reconhecido no romance de Pasolini, na figura do personagem “Begalone”, apresenta uma ação por difamação, a qual terá total apoio da revista “Il Tempo”, na qual lemos: “Ao senhor Di Marco não agrada ser confundido com garotos de programa, e encontra, além do mais, que outros são os direitos da arte e outros os limites de quem, usando cores e pincéis, usa a máquina fotográfica para copiar fielmente pessoas e coisas” (BETTI, 1977: 135). Numa carta enviada a Livio Garzanti, em 1955, Pasolini diz:

Você viu a miríade de artigos e artigozinhos sobre *Ragazzi di vita*? Estou, aqui, atropelado pela torrente de injúrias e de elogios. Viu o quanto é estranha a imprensa comunista? “L’Unità” se ocupou duas vezes, em três colunas: Trombatore, Salinari e Seroni, seguidos de um grupinho de medíocres, em jornais menores, querem me levar para a fogueira, de acordo – com argumentos idênticos – com os acadêmicos reacionários e católicos provincianos. Eu realmente não sei o que pensar. Mas para ser bem sincero lhe direi que tudo isso me importa muito pouco, dada a assustadora superficialidade dos julgamentos. E estou abundantemente compensado pelos entusiasmos de leitores considerados simples, que lêem o livro numa noite. (PASOLINI, 1988: 113-114)⁶

⁶ In: PASOLINI, Pier Paolo, *Lettere (1955-1975)*. A cura di Nico Naldini. Torino: Einaudi, 1988, p. 113-114.

Uma dessas alegrias é compartilhada por um jovem chamado Cesare Padovani, que escreve uma carta para Pasolini compartilhando sua comoção por tudo o que está acompanhando nos jornais italianos. Pasolini, também comovido, lhe responde:

Sua carta me deu muita alegria, mas também me preocupou muito. *Ragazzi di vita* não deveria – segundo a moral corrente – ser um livro para jovens: sobretudo para um rapaz como você (como era eu quando tinha sua idade), completamente tomado por uma vida de estudos e de afetos familiares, e entusiasmado, com pureza de paixão, com essa vida. Não queria que meu livro – que fala de jovens tão diferentes de você – tivesse chocado-o tão violentamente, e tivesse colocado-o com tanta brutalidade diante de certos aspectos da vida que você não conhece. Espero que não julgue ‘naturalmente’ como ruins e cruéis os jovens sobre os quais falo em meu livro, mas que os considere como tais por culpa do ambiente em que nasceram e viveram. Também espero que você – diferentemente de certos críticos agora inveterados na hipocrisia e na frieza – possa entender que escrevi meu livro com amor e piedade pelos meus pobres protagonistas. (PASOLINI, 1988: 94)⁷

O poeta Giuseppe Ungaretti envia uma carta aos juízes no dia do julgamento do romance, destacando que *Ragazzi di vita* é um dos melhores livros em prosa surgido naqueles anos, na Itália. E argumenta:

As palavras colocadas na boca daqueles garotos, são as palavras que eles costumam usar e teria sido, a meu ver, uma ofensa à verdade fazê-los falar como um chichibéu. Além do mais, é uma tarefa libertária do romancista representar a realidade como é. Não se pode pedir a um escritor que tenha consciência de suas obrigações para fazer como uma avestruz, ou ainda pior, como um hipócrita diante das pragas sociais tão importantes a serem denunciadas, visto que são jovens e crianças as vítimas mais gravemente atingidas. Pasolini não só sentiu com raro ímpeto essa obrigação, mas também teve o mérito de sempre elevar sua narrativa a um outro grau de poesia. (BETTI, 1977: 66)

Os juízes o absolvem, o livro volta para as livrarias e, por fim, dizem na sentença que “o debate ali se desenvolveu num clima de elevação serena” (BETTI, 1977: 67). “O debate em clima de elevação serena” encontra acolhida na magistratura, nas revistas, jornais, na psiquiatria, na polícia, todos a serviço do monstro moral e político, o que me faz lembrar de um aforismo de Macedonio Fernández: “Um

⁷ In: *Ibidem*, p. 94.

terrorismo, interno, sistematizado e inteligentíssimo se tornará a paixão de todos os povos no pós-guerra.” (FERNÁNDEZ, 1995: 45) Pasolini, nesse sentido, se pergunta:

O que aconteceu no mundo, depois da guerra e do pós-guerra?, e responde: A normalidade. Isso mesmo, a normalidade. No estado de normalidade não olhamos ao nosso redor: tudo se apresenta como "normal", desprovido da excitação e da emoção dos anos de emergência. O homem tende a dormir em sua normalidade, esquece-se de pensar, perde o hábito de se julgar, não sabe mais perguntar-se quem ele é. É, então, nesse momento, que se cria artificialmente o estado de emergência. (PASOLINI, 1977: 191)

E nesse mesmo estado de emergência se cria a falsa tolerância, tão discutida por ele, em vários momentos. Numa entrevista dada a Dacia Maraini, para “L’Espresso”, ele diz:

É a tolerância que cria os guetos, porque é através da tolerância que os "diferentes" podem vir à tona, porém, sob a condição de serem e permanecerem minoria, aceita, mas caracterizada e circunscrita. A tolerância é o aspecto mais atroz da falsa democracia. Poderia lhe dizer que é realmente muito mais humilhante ser "tolerado" que ser "proibido" e que a permissividade é a pior das formas de repressão.” E nesse estado de falsa democracia os monstros são linchados, pois “o homem médio - ou seja, a opinião pública representada e, diria, oficializada pelos jornais - requer ainda, como na profundidade dos milênios, o "bode expiatório": isto é, sente a necessidade de linchamento. As vítimas que serão linchadas continuam a ser regularmente procuradas entre os "diferentes". Estamos ainda, em outras palavras, no auge da civilização de Himmler. Os "lager" os esperam. O ‘diferente’ (criminoso, homossexual, pobre ou meridional: estas são as atribuições da vítima que será linchada, regularmente procurada) se configura como ‘monstro’. [...] O cidadão pequeno-burguês, que procura os ‘monstros’, restando depois regularmente – quando não consegue em tempo linchá-los antes – com um palmo de nariz, é, na realidade, ele, o monstrengo.⁸ (PASOLINI, 2015: 74)

O poeta Andrea Zanzotto nos narra em seu texto “Pedagogia” que Pasolini cuidava do jardim da escola com a participação de seus alunos, e ali ele lhes ensinava os nomes latinos das plantas, bem como narrava fábulas como a do monstro Userum, para que aprendessem as terminações dos substantivos da segunda declinação (-us, -er, -um), por exemplo, “Puer bonus est” (o menino é bom), Pasolini acreditava na bondade humana na mesma medida em que tinha consciência de que a verdadeira

⁸ In: *L’Espresso*: Pasolini. Organizado por Loredana Bartoletti e Wlodek Goldkorn. Roma: Gruppo Editoriale L’Espresso, 2015, p. 74.

apocalipse é que a tecnologia mudará antropologicamente o homem. Numa conversa com Jon Halliday, Pasolini lhe diz que gostaria que seu último filme fosse entre Paulo e Sócrates, mas para isso teria que alcançar uma maior pureza e um maior desinteresse. Que sintomático esse retorno materno, Susanna-Sócrates, “minha mãe era como Sócrates para mim” (BETTI, 1977: 14). Ou como ele diz durante um interrogatório acerca do filme “La Ricotta”: “Nada jamais morre numa vida. Tudo sobrevive. Nós, ao mesmo tempo, vivemos e sobrevivemos. Assim, toda cultura é tecida de sobrevivências”. (BETTI, 1977: 157) Como se vê, *paixão anomalia é*.

REFERÊNCIAS

BARTOLETTI, Loredana; GOLDKORN, Wlodek (org.), *L'Espresso: Pasolini*. Roma: GruppoEditorialel'Espresso, 2015.

BETTI, Laura (a cura di), *Pasolini: cronacagiudiziaria, persecuzione, morte*. Milano: Garzanti, 1977.

FOUCAULT, Michel. *Os anormais*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PASOLINI, Pier Paolo, *Le belle bandiere*. Roma: Editori Riuniti, 1977.

_____. *Lettere (1955-1975)*. A cura di Nico Naldini. Torino: Einaudi, 1988.

SOBRE O AUTOR: Professor adjunto de língua e literatura italiana na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Possui graduação em Letras [português/italiano] pela Universidade Federal do Ceará (2004). Atuou como professor substituto de língua e literatura italiana no curso de Letras da Universidade Federal de Santa Catarina UFSC. Fez mestrado nos Estudos de Tradução [PGET/UFSC], sobre a tradução italiana de "Grande Sertão: Veredas", de Guimarães Rosa. É doutor em Teoria Literária pela UFSC (com pesquisa em La Sapienza/Roma), com projeto sobre a questão da escritura em Elsa Morante e em Macedonio Fernández. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua e Literatura Italiana, atuando principalmente nos seguintes campos de pesquisa: teoria da literatura, literatura italiana, tradução literária e filosófica e filosofia italiana. E-mail: davipessoacarneiro@gmail.com